

**VAZ, Manuel Afonso – *A Boa Nova do Amor e da Misericórdia: uma leitura de João e de Lucas*. Porto: [s. n.], 2014, 88 p. ISBN 978-989-20-4654-9**

Foi no dia 12 de maio de 2013 que o autor, um dos mais destacados e prestigiados constitucionalistas portugueses, professor universitário e atualmente Presidente da Católica Porto, ficou “inclinado a publicar” o seu “evangelho de João” (p. 6), após sentir o conforto mobilizador – também profundo e genuinamente eucarístico – de um encontro (comunitário) de interpretações térreas dos sinais enquanto “incentivo à vida ativa no amor” (p. 6). O autor não se encontraria, pois, só e incompreendido na sua *jurisprudência* evangélica, em que, nos factos, a “narrativa milagreira”, “fora das leis da física”, “só atrapalhava a [sua] fé” e que “há muito nada [lhe] dizia” (p. 6). Motivo muito diferente do terceiro Presidente norte-americano, Thomas Jefferson, que editou a sua *própria Bíblia*, após um paciente exercício de corte e cola (literalmente), excluindo todas as passagens que incluíssem os milagres de Jesus.

Nesta recensão não propomos um exercício de exegese bíblica, uma hermenêutica ou uma reflexão sobre os milagres: se as narrativas dos milagres de Jesus eram ou não como que aproximações concorrenciais com os milagres da cultura pagã e com os fazedores de milagres e figuras epifânicas pagãs; se se enquadrarão ou não numa certa tradição palestinese; ou ainda se os milagres de Jesus, dispensados os diagnósticos, purificações rituais, técnicas curativas e prescrições não seriam “apenas” sinais escatológicos<sup>1</sup> e, simultaneamente, símbolos de renovação espiritual, participação mística, firmeza e clarividência, ou seja, meios de transformação espiritual e não fins em si mesmos, etc., etc.

Nesta recensão propõe-se, antes, apresentar e compreender a obra do Professor Manuel Afonso Vaz sob a metodologia da *Lectio Divina*. Para tal, servir-se-á de dois instrumentos bibliográficos: um livro do Professor e Carmelita Descalço Armindo Vaz (*A Arte de Ler a Bíblia: Em louvor da «Lectio Divina»*) e um artigo do Professor D. António Couto na revista *Theologica*, que também teve um papel crucial e motivador na publicação da obra em apreço. Ambos os trabalhos serão adiante citados. O primeiro assumirá um registo mais técnico, o segundo mais hermenêutico.

A *Lectio Divina*, enquanto método de leitura espiritual, individual ou comunitária – estruturada e aperfeiçoada na tradição monástica da Idade Média – é inerentemente relacional e orante. Armindo Vaz agrupará os seus diferentes níveis (ou, metaforicamente, degraus) em duas categorias: um ascendente (leitura, meditação, colação, oração e contemplação), e o outro descendente (consolação, discernimento, ação). Serão, pois, categorias cristológicas (de subida para o Pai e de descida para o ser humano). Dois momentos respiratórios – afirma ainda Armindo Vaz –, na medida em que se *inspira* a Palavra e se *expiram* as boas obras no quotidiano da nossa vida<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Parece, na verdade, haver várias analogias com o Êxodo. Mas há uma diferença significativa: com Aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida, todos estão convidados a participar na graça salvífica de Deus, com fé, esperança e caridade, e não só aqueles que tinham preservado na pureza ritual.

<sup>2</sup> Cf. VAZ, Armindo dos Santos – *A Arte de Ler a Bíblia: Em louvor da «Lectio Divina»*. Marco de Canaveses: Edições Carmelo, 2008, p. 20. Valerá a pena ler esta obra na íntegra para melhor compreender a *Lectio Divina* e com ela melhor escutar, perguntar, orar e atuar.

Assim, apresentaremos um "texto muito bonito", nas palavras de D. António Couto (p. 8) e nas nossas, que se dividirá em dois: "O meu Evangelho de João" (pp. 13-32) e o "O meu Evangelho de Lucas" (pp. 35-81), enquadrando-o no processo dinâmico das diferentes (mas não muito, tal é a proximidade de uma etapa em relação à seguinte) etapas da *Lectio Divina*. Com uma intuição genuinamente espiritual, Afonso Vaz fascina e surpreende. Observemos, então, essas (in)visíveis etapas na obra deste autor:

**0. *Statio*:** é um momento de preparação e predisposição. É um momento de tranquilidade e de nos deixarmos tranquilizar. Momento de procura, momento de espera. Silêncio interior e recolhimento. Ora, Afonso Vaz refere que estaria a "passar uns dias de descanso no Algarve" e que tinha ido "à missa", estando-lhe "reservada uma boa surpresa" (p. 5). Trata-se de uma descrição que configura um "statio". Todavia, este "statio", a jusante, articular-se-á com outros três a montante: o primeiro situar-se-á quando "há cerca de dois anos" se reencontrou "com a vida"; o segundo, situar-se-á "num encontro sobre espiritualidade e espiritualidades", com o Professor João Duque; o terceiro, por sua vez, num outro "encontro de um pequeno grupo de aprofundamento do estudo da Bíblia, orientado por D. António Couto". O primeiro degrau da *Lectio Divina* fora, assim, alcançado.

**1. *Lectio*:** este é um degrau fundamental e no qual todos os outros seguintes se apoiarão. Mais que de leitura, será de escuta. Escuta em jeito de captação, recolha ou colheita da sabedoria divina, proporcionando ao *escutador* uma compreensão da sabedoria divina segundo a sua própria mundividência. Ora, a mundividência de Afonso Vaz será humanista, é certo e, tecnicamente, jurídica. A sua escuta ocorrerá em cada eucaristia, na tranquilidade do seu lar, mas também nas ressonâncias que se lhe aparecem inesperadamente no quotidiano do seu dia a dia. Com efeito, "frequentar as Escrituras é um trabalho de amor e paciência, de surpresa e risco. O melhor leitor das Escrituras é o que está mais preparado para ser surpreendido"<sup>3</sup>.

**2. *Meditatio*:** a fronteira entre a escuta da Palavra e a meditação é ténue. Na verdade, estes serão dois degraus muito próximos. Através da meditação, atualiza-se o diálogo entre a Palavra que nos é comunicada e o nosso próprio coração. É um encontro. O espaço e o tempo, a circunstância e a história daquele(a) que escuta e medita confluem, ontologicamente, acolhem e interpretam a mensagem divina, pois "toda a palavra do céu que nos atinge passa pela terra, por um ponto concreto no espaço e no tempo. É humana. Humanada. Impressa e expressa 'em homem'"<sup>4</sup>. O que me quer dizer Deus, a *mim e hoje*, através deste texto? O que quererá dizer Deus a Afonso Vaz, "ser pensante do século XXI" (p. 7), num hoje em que se reencontrou "com a vida e – certamente fruto da relação amiga com colegas verdadeiramente viventes no amor de Cristo – [se envolveu] com o Deus que nos é comum?" (p. 7). "Deus fala, pois, descendo ao nosso nível. Coração a coração. Intimidade a intimidade. Fala sem complemento direto, não dizendo coisas, não dando coisas a saber, mas dizendo-Se e

<sup>3</sup> COUTO, António – *Deus Vem Falar Connosco: A propósito da Dei Verbum. Theologica*, 2.<sup>a</sup> Série, 48, 2 (2013), p. 292.

<sup>4</sup> IDEM, *Ibidem*, p. 288.

dizendo-nos, com uma *autor-idade* nova e inédita [...]”<sup>5</sup> Os dois textos (Lucas e João) que aqui trazemos são, assim, o produto dessa meditação.

3. *Collatio*: este é um momento comunitário de partilha, diálogo, confronto, contribuição, comunhão e de procura de sentido do texto. Afonso Vaz, naquele 12 de maio foi confrontado (e confirmado) com a homilia do celebrante, que foi de “uma singeleza e profundidade como raramente tinha ouvido” (p. 5). Mas há mais dois momentos de “collatio”: um num encontro sobre “espiritualidade e espiritualidades” com o Professor João Duque, em que o autor o questiona sobre o “‘olhar para trás’ de Maria Madalena” (p. 7); e um outro, num dia 27 de maio, quando submete o seu “Evangelho de João” a D. António Couto, alguns meses após ter acompanhado a sua “colega e amiga Mónica Duque a um encontro de um pequeno grupo de aprofundamento do estudo da Bíblia” (p. 7). Todavia, há ainda um outro, que será a própria publicação da obra e o consequente significado de partilha, diálogo e confronto com os leitores. Esta etapa é inaugurada com a dúvida e com a sua pergunta: “[...] ser-me-ia lícito tomar público esse meu prescindir da narrativa milagreira?” (p. 7).

4. *Oratio*: Se na *lectio*, *meditatio* e *collatio*, é Deus quem Se dirige com a Sua Palavra ao leitor, na *oratio*, por sua vez, o leitor reza e é Deus quem escuta. Ora, se na Oração – oração de vida real – é o Espírito quem reza em nós e por nós, Afonso Vaz reza a Deus “uma alegria de viver” (p. 6). Por outro lado, além de meditações, que serão estes dois textos senão uma oração autêntica e profunda, carregada de sentido ontológico pleno?

5. *Contemplatio*: Neste degrau, maravilhados e pacificados, olhamos. Olhamos e sentimo-nos olhados e amados. Diz o autor que “No silêncio daquele momento, sorri e fiquei pasmado com a força calma do amor” (p. 6). Nada mais a acrescentar. A não ser que contemplação não é quietismo. É uma força que impele.

6. *Consolatio*: neste degrau descobrir-se-á uma profunda alegria interior, gerando um efeito de amor à verdade, à caridade e ao próximo. Pois refere o autor que “Também aí encontrei o que penso ser a mensagem do Nazareno. Por entre os verdadeiros milagres que a Sua Boa Nova significava, transparece a misericórdia como valor salvífico, ou seja, como a base da verdadeira vida, da vida feliz” (p. 8). Misericórdia que nos é dita; misericórdia que levamos aos que nos rodeiam.

7. *Discretio*: Trata-se de um momento de discernimento, de algum modo, aliás, transversal em todos os degraus da *Lectio Divina*. É um momento de tomada de consciência e de responsabilidade que, inevitavelmente, terá de resultar em ação. “A mensagem, radicalmente nova, surgia requintada e encoberta nos artificios da narração, mas perfeitamente nítida: cada cena e todas as cenas transmitiam a plenitude do amor de Deus. Isso e apenas isso” (p. 7). Isso e apenas isso.

8. *Actio*: é a Palavra incarnada na vida do nosso dia a dia, pois o autêntico encontro com Deus na Sua Palavra reivindica o encontro com Deus nas pessoas que nos

<sup>5</sup> IDEM, *Ibidem*, p. 290.

rodeiam. É um compromisso. É o movimento corajoso de, após a escuta do Sermão da Montanha, se vivenciar as Bem-Aventuranças. É o desafio descrito nas seguintes palavras: "[...] disse aos outros discípulos que ia tentar convencer as pessoas a viverem a vida como Jesus lhe ensinara. Foram todos, mas não conseguiram convencer ninguém. Já cansados, lembraram-se vivamente dos ensinamentos de Jesus e tentaram uma última vez; e a sua palavra multiplicou-se numa imensidade de pessoas de todas as raças e credos" (p. 32).

Com esta original obra, *A Boa Nova do Amor da Misericórdia*, Afonso Vaz disse e escreve "o poder de Deus e da sua Palavra, mas também a sua doçura, depois de experimentar a solidez do chão e a doçura do leite ou do mel. A Palavra antes das coisas e do homem são as coisas e o homem já implicados na Palavra, explicitando a Palavra"<sup>6</sup>.

Uma obra consoladora a ler, escutar, meditar, partilhar, rezar, contemplar e discernir para agir.

Nuno Henriques

<sup>6</sup> IDEM, *Ibidem*, p. 291.